

Dívida em capital

- 3 ABR 1987

por Paulo Sotero
de Nova York

A proposta de conversão de US\$ 100 milhões de seus créditos de longo prazo ao Brasil em investimentos que o Bank of Montreal encaminhou ontem ao Banco Central, através de sua subsidiária brasileira, o Banco Montreal de Investimentos, contém uma importante novidade e, segundo o diretor do conselho de administração da instituição canadense, William D. Mulholland, poderá servir como laboratório para o desenvolvimento de novos mecanismos capazes de produzir o resultado que o Brasil almeja e ele, Mulholland, considera válido: uma redução significativa dos pagamentos dos compromissos externos do País.

A novidade é que o Bank of Montreal está propondo fazer a conversão ao par, e não com o deságio praticado no mercado secundário, como ocorreu no caso do Chile, em menor escala

com o México e está prestes a acontecer com a dívida filipina.

"Eu não vejo como um país com a estatura do Brasil possa aceitar que seus papéis sejam vendidos com desconto, em larga escala, porque isso se reflete no seu crédito de longo prazo e é, além disso, ofensivo ao orgulho nacional", afirmou Mulholland, que convocou uma entrevista coletiva ontem, em Nova York, para anunciar a medida e, certamente, faturar alguns dividendos políticos junto às autoridades do país, no momento em que elas se vêem sitiadas por más notícias na frente externa.

"A própria psicologia envolvida no comércio de créditos a preços de queima não é, obviamente, condutora a engendrar a confiança necessária para que os investimentos voltem ao País. Na verdade, ela produz exatamente o oposto", afirmou ele, tornando-se o primeiro executivo de um grande banco credor do Brasil a concordar publica-

mente com as objeções que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, faz e fez no passado recente às propostas de conversão de dívida em capital de risco, com desconto. (Em setembro do ano passado, conforme reportado na época por esse jornal, o presidente do Citicorp, John Reed, disse a Funaro que até US\$ 20 bilhões da dívida brasileira poderiam ser convertidos em investimento, se o governo autorizasse.)

Sem deixar de insistir na importância de o governo pôr a economia em ordem, "evitando o estímulo excessivo da demanda interna, o subsídio de estruturas ineficientes e não competitivas e a manutenção de um setor público descomunal", Mulholland mostrou, ao explicar a proposta do Bank of Montreal, que concorda com o principal argumento que o ministro da Fazenda brasileiro tem usado para defender uma renegociação da dívida em novas bases. "A abordagem utilizada até agora

tem visado, sobretudo a preservação da situação existente. Mas nós precisamos ultrapassar essa situação, porque ela não é satisfatória para muitas instituições financeiras, incluindo o nosso banco, nem para o Brasil."

"Até agora houve muitas conversas, mas ninguém tomou nenhuma iniciativa. E, nos últimos anos, as opções disponíveis para os países devedores estreitaram-se, em lugar de se alargarem. Não há como prever um mundo feliz se essa tendência continuar", afirmou o "chairman" do banco, que há três semanas esteve em Brasília com Funaro.

"A nossa proposta é uma decisão sensata de negócio e visa a abrir o caminho para soluções criativas", disse Mulholland. "Ela abre para o Brasil e para seus credores toda sorte de opções que não existem no formato rígido atual.

(Continua na página 30)

Pedro Leitão da Cunha, presidente do Banco Montreal de Investimentos, esteve ontem em Brasília com o presidente do BC, Francisco Gros, para dar entrada ao pedido de conversão de créditos, no valor de US\$ 100 milhões, em investimentos, encontrando "ótima receptividade". No meio financeiro, a medida também teve boa repercussão. Sérgio Barcelos, presidente da Bolsa de Valores do Rio, viu "com grande satisfação esta iniciativa", que foi qualificada pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen como "uma medida alvissareira".

Dívida em capital

por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página)

Algumas dessas opções são óbvias; outras não são e precisam ser desenvolvidas.

Uma das opções não óbvias, embutidas na proposta do Montreal, é a viabilização de um mecanismo que permitiria a conversão não apenas do principal, mas também de juros, em investimentos. Indagado sobre isso, por este jornal, Mulholland evitou responder diretamente, mas deixou a porta aberta. Depois de lembrar que os bancos, em princípio, rejeitam a idéia da capitalização pura e simples, ele indicou que "o importante é que se ob-

tenha o resultado de reduzir os encargos da dívida".

"Não se preocupe com as normas, mas com o resultado", aconselhou, terminando a entrevista com uma sugestiva anedota: "Um menino ofereceu seu cachorro para um homem por US\$ 1 milhão. O homem recusou e disse-lhe que ele não conseguiria jamais encontrar um comprador por aquele preço. No dia seguinte o menino contou ao homem que tinha vendido o cachorro por US\$ 1 milhão. O homem o repreendeu, dizendo que não devia dizer mentiras. O menino, então, respondeu: 'Eu não estou mentindo. Vendi meu cachorro por dois gatos, de US\$ 500 mil cada um'".